

Lista de exercícios 4

Leia os textos abaixo.

Egito busca repatriar antiguidades expostas em diversos museus do mundo

Especialistas debatem se país tem condições de garantir a segurança e a conservação das peças. Por Fernanda Dias

(Texto publicado em <opiniaoenoticia.com.br> no dia 09/02/2011. Acessado em 20/03/2016)

Não é só pelo uso constante de um chapéu de aba larga que o arqueólogo mais famoso do Egito, Zahi Hawass, se assemelha com o célebre personagem Indiana Jones. Assim como nas histórias da ficção, o chefe máximo das antiguidades do país africano luta pelas relíquias de sua nação. Ao longo dos últimos anos, ele tem buscado recuperar peças que foram levadas para o exterior ilegalmente e que estão expostas em diversos museus do mundo atraindo milhares de turistas. As recentes ondas de ataques no Egito, no entanto, culminaram na destruição de alguns artefatos que estavam em instituições do Cairo, o que aumentou ainda mais os debates em torno da devolução desses monumentos. A principal questão é se o governo tem condições de garantir a segurança e a preservação desses importantes registros da História da humanidade.

O professor Ciro Flamarion Cardoso, da Universidade Federal Fluminense (UFF), considerado a autoridade máxima em se tratando de história do Egito no Brasil, considera que em princípio as peças devem ser devolvidas, mas ressalta que o mais adequado é uma avaliação de cada caso, já que a questão é mais complicada do que parece à primeira vista.

Ele explica que até meados do século XX, o país tinha status semi-colonial, daí a dificuldade de se impedir as escavações ilegais e o saque das antiguidades, que eram vendidas a colecionadores privados ou a museus do exterior. Ciro lembra que, tal como os mármore de Elgin (do Partenon de Atenas), muitas peças egípcias foram preservadas adequadamente em museus da Europa e dos Estados Unidos numa época em que o país árabe não tinha condições de preservar o seu acervo:

“Os grandes museus dotados de importantes coleções de antiguidades egípcias não são só lugares onde as peças são expostas ao público, mas também centros importantes de pesquisa, ensino, treinamento e restauração. Também nessas instituições são organizadas expedições de escavação e programas de cópia e preservação de monumentos ameaçados, que muitas vezes são realizados no próprio Egito”.

O professor ressalta ainda que o Serviço de Antiguidades, órgão que autorizava as escavações, fazia a divisão do que era achado entre o Museu Egípcio do Cairo e as entidades estrangeiras: “Pelo menos nesses casos, as peças saíam do Egito de forma legal e com conhecimento das autoridades. Houve, sem dúvida, quando nem mesmo existia o Serviço de Antiguidades, mas também depois, exportação absolutamente ilegal. Não pode se tratar, então, de simplesmente dismantelar as coleções de todos os grandes museus a partir de uma devolução indiscriminada dos objetos ao Egito”.

O diretor da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Ivan Coelho de Sá, lembra que a musealização da Pedra de Roseta – que foi encontrada por um soldado do exército francês, mas acabou no Museu Britânico – foi importantíssima para sua preservação, e, sobretudo, para sua decifração, que permitiu o conhecimento dos textos egípcios. Mas, ele ressalva que o argumento dos europeus de que garantiram a conservação destes acervos também é questionável:

“Os bens culturais, ao serem retirados de seus sítios, sofreram inúmeras barbaridades e mesmo posteriormente, foram submetidos a intervenções inadequadas de conservação e de restauração. Exemplo disto são as métopas e outros elementos de mármore do Parthenon que sofreram processos de limpeza que os deixaram totalmente brancos, descaracterizando-os definitivamente. Mas, sem dúvida, o argumento europeu da preservação é forte e só pode ser contestado na mesma altura, ou seja, o Egito tem que oferecer as mesmas condições de conservação para os acervos que são reivindicados”.

Sá explica que o marco referencial da legislação específica sobre a alienação de bens culturais foi a Carta de Atenas, de 1931, que deixa clara a responsabilidade do Estado na salvaguarda dos monumentos. Em 1964, a UNESCO dispôs sobre a importação, a exportação e a transferência ilícitas de bens culturais, recomendando que os Estados instituíssem órgãos oficiais de proteção e que fizessem acordos bilaterais e multilaterais para tratar da restituição dos bens ilicitamente adquiridos.

“Há uma tendência internacional totalmente contrária a importações e exportações ilícitas e que favorecem uma política de devolução dos bens que foram retirados ilegalmente de seus países de origem. Isto não quer dizer que os museus que possuam acervos egípcios devam ser esvaziados, e que as coleções sejam precipitadamente devolvidas. Deve ser um processo consciente e cuidadoso, apoiado em documentação e legislação adequadas”.



Sá ressalta ainda que as devoluções precisam contar com uma estrutura logística que garanta o cumprimento de todas as normas de conservação necessárias ao transporte e ao acondicionamento destas coleções: “Isto certamente não será um processo fácil de ser realizado e, caso aconteça, demandará várias décadas”.

No fim de janeiro, antes mesmo de os protestos contra o regime do presidente Mubarak eclodirem na Praça Tahrir, a Alemanha negou o pedido de Hawass para a devolução do busto da rainha Nefertiti, que se encontra no Museu Neues, em Berlim. Na lista de peças que o conselho que o arqueólogo representa luta para devolver ao Egito estão ainda a Pedra de Roseta e o busto de Ramsés II (ambos estão em museus de Londres); a máscara do príncipe Kanefer e estátuas de dois arquitetos das pirâmides (nos EUA) e o Zodíaco de Dendera (no Louvre). Com quem essas antiguidades ficarão no futuro no futuro é uma incógnita, digna da magnitude das peças.

Egito recupera obras saqueadas depois da primavera árabe de 2011

O Governo calcula que 4.000 peças da antiguidade saíram clandestinamente do país
Ricard Gonzáles

(Texto publicado em <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/26/cultura/1430072827_796047.html no dia 27/04/2015>.
Acessado em 20/03/2016)

A operação chamada *A maldição da múmia*, lançada pelas autoridades norte-americanas em 2010, acabou sendo uma bênção para o Egito. Graças às pesquisas do departamento de Imigração e Alfândegas dos EUA, o Governo egípcio pôde recuperar 135 peças de grande valor arqueológico que haviam sido roubadas por máfias especializadas no contrabando de antiguidades. Embora algumas tenham saído antes de 2011, ano da revolução, a maioria foi retirada depois da queda de Hosni Mubarak, aproveitando a instabilidade gerada no país.

Entre as obras salvas estão várias estatuetas, moedas e um valioso sarcófago de mais de 2.300 anos. A maioria pertence ao último período do Antigo Egito, cerca do ano 600 a.C. A entrega coincidiu com a recepção, neste domingo, de outros 240 objetos arqueológicos interceptados na França.

As obras foram entregues às autoridades egípcias na quarta-feira na National Geographic Society de Washington. “Estamos agindo em conjunto com as organizações internacionais encarregadas da preservação do patrimônio histórico para combater o roubo e a destruição dos objetos históricos”, declarou Olfat Farah, responsável de Relações Culturais no Ministério de Assuntos Exteriores egípcio.

A entrega coroa vários anos de esforços por parte das autoridades egípcias, que assinaram acordos de colaboração com a maioria dos países ocidentais com a finalidade de impor maior controle ao comércio de antiguidades. Por exemplo, em novembro passado o Governo egípcio assinou um memorando de entendimento que obriga várias instituições norte-americanas, inclusive as universidades, a impor novas restrições ao comércio de antiguidades do Egito.

A falta de segurança e a instabilidade política em que caiu o país árabe depois da revolução de 2011 foi aproveitada por caçadores de tesouros e traficantes para saquear numerosos sítios arqueológicos. Frequentemente, um só agente se encarrega de vigiar uma área de vários hectares em zonas remotas à noite, uma tarefa impossível. Segundo os cálculos do Governo, depois da queda do ex-ditador Hosni Mubarak, mais de 4.000 peças foram tiradas do país de forma clandestina. Apenas uma modesta porção desse grave espólio, cerca de uma quarta parte, pôde ser recuperada.

Dúzias de peças arqueológicas foram subtraídas de museus, como o Museu de Malawy, saqueado no verão de 2013, logo depois do golpe de estado, ou o Museu Egípcio do Cairo, assaltado durante a Revolução de 2011. A tarefa de recuperar essas peças é mais fácil do que aquelas extraídas dos sítios arqueológicos, pois estão todas classificadas. Portanto, o Governo egípcio pode provar sua propriedade se forem interceptadas nas alfândegas ou se alguém denunciar sua existência em um leilão público. Por outro lado, se as máfias conseguem introduzir os objetos em outro país para vendê-los a uma coleção privada, recuperá-las é uma missão virtualmente impossível.

A repatriação das peças confiscadas nos EUA é fruto de uma operação lançada há cinco anos pelo Departamento de Segurança Interna dos EUA, batizada como operação *A maldição da múmia*. Segundo seus responsáveis, o programa tem como objetivo desarticular os grupos criminais que introduziram ilegalmente no país mais de 7.000 objetos da antiguidade provenientes de todo o mundo de valor próximo aos três milhões de euros (cerca de 9,48 milhões de reais).

Essa atividade ilegal não serve apenas para o lucro dos caçadores de tesouros como também para financiar atividades de grupos terroristas, como o autodenominado Estado Islâmico, a tropa jihadista que controla uma ampla faixa de território no Iraque e na Síria. Até agora, a operação policial conseguiu o indiciamento de quatro traficantes, a condenação de outros dois e a emissão de uma ordem internacional de captura.

Das 135 obras recuperadas, a mais valiosa é um sarcófago que foi enviado como contrabando inicialmente a Dubai e terminou em uma garagem do bairro nova-iorquino do Brooklyn, no ano de 2009. Segundo as autoridades norte-americanas, o sarcófago mostra as marcas feitas pelos ladrões, que o cortaram em pedaços para poder enviá-lo por intermédio de um serviço de entregas urgentes.

“O sarcófago, que conta com uma inscrição hieroglífica da dona da casa, data do período greco-romano e será exposto no novo Grande Museu Egípcio, que será aberto em 2018”, explicou Aly Ahmed, responsável pela



divisão de objetos repatriados do Ministério de Antiguidades. Além dessa peça, entre os objetos devolvidos pelos EUA se destacam duas barcas funerárias de madeira construídas durante o Médio Império (entre 2000 e 1700 a.C.), vários relevos esculpidos em um templo de pedra calcária datados do período entre 1070 a.C. e 664 a.C., a máscara de uma múmia, restos humanos mumificados e 65 moedas.

Além das 135 peças provenientes dos EUA, outras 240 vieram da França no domingo, conforme informou o Ministério de Antiguidades egípcio. Os objetos foram interceptados pelo serviço de alfândega do aeroporto internacional Charles de Gaulle, em Paris, durante os últimos anos. A coleção inclui objetos de vários períodos diferentes do Antigo Egito. Entre eles, contam-se 50 amuletos em forma de coração feitos de ônix de mármore, estelas de pedra calcária e estatuetas e anéis.

- 01.** Apresente os argumentos favoráveis e desfavoráveis quanto às repatriações de obras pelo Egito.
- 02.** Desenvolva sua opinião (com argumentos bem fundamentados) quanto à apropriação de relíquias egípcias por outros países.
- 03.** O Antigo Egito é conhecido pela grandeza de sua arte e arquitetura representadas pelas pirâmides. Sua religião é estudada por historiadores, arqueólogos, antropólogos, místicos entre muitos outros. É possível identificar reflexos dessa cultura em nossa sociedade?
- 04.** A morte sempre esteve no contexto das representações dos povos desde a antiguidade até a Idade Contemporânea. As visões e atitudes diante a morte podem ser percebidas pelo homem, em cada momento da história. Pesquise outra narrativa mitológica (de qualquer outra cultura/religião) e compare com a crença egípcia.
- 05.** "Dos povos da Antiguidade, os que apresentaram uma produção cultural mais livre foram os gregos."

(PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2007, p. 30).

A que se refere essa afirmação?

- 06.** Descreva as características das esculturas abaixo.

Figura I



Figura II

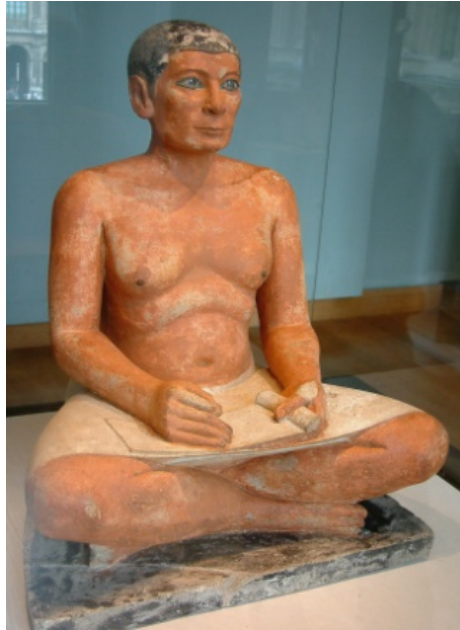


(Kouros sepulcral de Anavysos, c540-525 a.C.

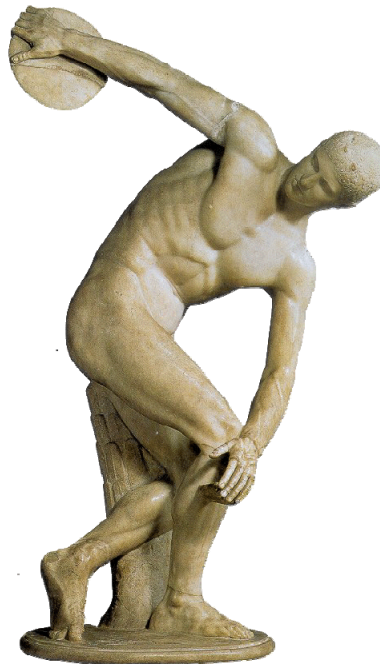
Doríforo, de Policleto, 450-440 a. C)



07. (UNESP) Observe e compare as imagens seguintes.



Escriba sentado, por volta de 2620 a 2500 a.C (IV dinastia). Museu do Louvre.



Discóbolo, 450 a.C. Cópia romana em mármore do original de bronze de Myron

- Cite uma diferença na forma de representação do corpo humano numa e noutra escultura.
- Explique a importância da escrita para o Estado egípcio na época dos faraós e a dos jogos olímpicos para as cidades gregas do século VIII a.C. ao V a.C.

08. A história da arte grega é dividida em três momentos específicos que, além de acontecimentos históricos, são determinados por mudanças significativas nas formas artísticas. No entanto, destaca-se nesse percurso o século V a.C., entendido como *século de ouro*. Por que esse período recebeu este nome?